

Esta criação do Renascimento italiano é indubitavelmente uma das formas mais perfeitas da poesia lírica. Boileau o severo «Legislador do Parnaso» dizia que um soneto perfeito valia bem um longo poema. Camões foi um excelente cultor do soneto. A semelhança de Petrarca, revela nêstes um acentuado gôsto pela introspecção, e pela análise do amor. E num soneto que o autor procura expressamente defini-lo:

«Amor é um fogo que arde sem se ver...»

Este soneto interessa-nos ainda sob o ponto de vista firmemente literário, porque nêle se verificam já as tendências culteranistas que se acentuarão no século seguinte. Basta ter em vista a repetição constante da mesma idea, a contradição dos termos, e até o facto do poeta não nos chegar a dar a verdadeira definição do amor. Séneca foi muito mais preciso e sublime quando disse simplesmente que queria ter um amigo para ter por quem morrer.

Camões estabelece nos seus sonetos uma verdadeira psicologia do amor. Sentimentos de amor e respeito, esperanças — tristeza, saúdades, desilusões, tudo brota espontâneo nêstes versos admiráveis. Camões conhecia a filosofia aristotélica, como nos indica a alusão que faz às noções peripatéticas de maneira e forma nalguns sonetos. Segundo está provado, as inovações chegam sempre tarde a Portugal e por isso muito poucos se revoltaram com a doutrina do mestre, no séc. XVI e XVII.

O nosso lírico tem ainda sonetos onde faz uma esquisita análise da sua alma apaixonada e desiludida, num perfeito equilibrio entre a idea e a forma. A natureza instintiva de certos estados de alma irreductíveis a qualquer exteriorização, é admiravelmente traduzida por «um não sei quê, que nasce não sei onde, vem não sei como e doí não sei porquê...»

Mas, na generalidade, os sonetos camonianos são a tradução sentida da

dôr, que oprime a alma do Poeta ao ver o seu amor desprezado e incompreendido. Nesta situação, Camões sente «nas mores dores mores tristezas».

Na enormidade do seu infortúnio, sabendo que o mundo o não podia compreender, suspira por um lugar solitário onde possa chorar livremente as suas penas. Depois dos desenganos, a saúdade aparece como reminiscência do paraíso que se perdeu. Com a alma unvida dêste «gôsto amargo de infelizes», de que fala Garrett, Camões escreveu versos formosíssimos, sempre novos não só pela perfeição da linguagem mas, ainda, pelo seu tema de qualquer maneira eterno porque se firmou naquilo que há de universal, de imutável, na vida humana: o amor que êle sentiu ardentemente e o fez sofrer a ponto de torná-lo divinamente imortal.

Maria Áurea.

o o

ISADORA

UMA das características mais interessantes, e a mais encantadora, do espírito multimodo da extraordinária mulher que foi Isadora Duncan, era sem dúvida, o seu desvelado carinho pelo povo.

Grande artista, grande amorosa, grande e audaciosa realizadora das mais elevadas tentativas de retôrno à perdida beleza helénica, a sua alma vibrava intensamente ante as injustiças que feriam os miseráveis. O seu ideal de Arte, em cujas aras sacrificou a vida inteira, imanava dessa fonte inexaurível que é o povo, e, existia, sobretudo, para traduzir em exteriorizações rebeldes, as suas desditas, os seus infortúnios, a sua dor interminável.

O carácter desconforme da sua arte, radica, principalmente, na angustiosa tragédia humana, na pungente vida dos párias. No livro *A Minha Vida*, estupendo e admirável repositório das suas sinceras e voluntariosas confissões, abundam as provas do seu grande amor pelos desafortunados.

No decorrer de uma *tournee* pelo império dos Czars, ao desembarcar, de madrugada, em Kieff, na companhia de Skene, a quem chama o pianista de nervos de aço, Isadora teve uma estranha e horrível alucinação. O trenó desliza pela neve e Isadora ia semi-adormecida. «De repente — diz ela — vi, de um lado e outro da estrada, mui nitidamente, duas filas de ataúdes, — ataúdes de criança... Agarrei-me ao braço de Skene: Olhe — disse-lhe — tôdas as crianças morrem!»

Ele tranquilizou-me: — Não; não há senão a neve, as escarpas de neve, dos dois lados da estrada. Que estranha alucinação!

«O médico diagnosticou uma ligeira comoção cerebral e disse-me que não devia dançar. Manifestei o meu horror a desgostar o público e insisti para que me deixassem ir ao teatro. O programa era consagrado a Chopin e ao fim do espectáculo disse, de súbito, a Skene:

— Toque a *Marcha Fúnebre*,

— Porquê? — perguntou êle — Nunca a dançou...

— Não importa, toque-a.

E dancei nessa noite a *Marcha Fúnebre*. Imaginei uma criatura que conduzisse nos braços o seu filho morto, num passo lento e hesitante, para o lugar do repouso. Dancei a descida ao túmulo e a evolução do espírito escapando-se da sua prisão carnal e subindo para a luz, para a ressurreição!»

Esta mulher invulgar, quer pela sua cultura, quer pela sua requintada sensibilidade artística, quer pela sua inegalável sensibilidade amorosa, quer ainda pelas suas insuperáveis qualidades de realizadora dos mais ousados e dos mais geniais cometimentos, trazia desde o ventre materno, a ansiedade manifesta de Universalizar a Dança como Arte.

Pequenina ainda, agrupava as criancinhas da vizinhança para lhes ensinar os primórdios da sua dança rítmica, que ela ia aprendendo, insensivelmente, no fluxo e refluxo das ondas... E quando, depois de ter experimen-

tado grande número das duras privações que esta vida reserva a quem peca por demasia de escrúpulos e carência de espírito prático, alcançou triunfos e dinheiro, a sua aspiração suprema consistia em criar uma escola de dança para as *crianças do povo*,...

Essa aspiração não foi baldada. Um dia a imprensa berlinense pôde anunciar ao mundo que a Escola de Isadora Duncan estava aberta à adopção de crianças, dotadas de talento, que desejassem converter-se em sacerdotisas da Dança — essa arte que ela queria ensinar a *milhares de crianças do povo*. E foi tal o número de concorrentes, e tal o afan de Isadora para encher a sua «villa» de Frauden Trasse, que o Dr. Hoffa, médico gracioso da Escola, pôde dizer: «Isto não é uma escola, é um hospital. Tôdas estas crianças têm taras hereditárias e você precisará de ter muito mais cuidado para as conservar vivas, do que para as ensinar a dançar».

Um facto que evidencia insofismavelmente o desapego de Isadora pelos bens materiais ao mesmo tempo que nos patenteia a sua repulsa pelas fabulosas especulações de empregários pouco escrupulosos, é o que ela nos refere, a propósito da sua primeira *tournee* pela Rússia: «Durante uma breve visita que fiz a Kieff, bandos de estudantes agruparam-se à porta do teatro e negaram-se a deixar-me passar, sem lhes prometer um espectáculo a que êles pudessem assistir, pois os preços do recital eram demasiado elevados para êles. Tinha já saído do teatro e êles continuavam a manifestar o seu ressentimento contra o empregário. Levantei-me no trem e disse-lhes quanto seria feliz se a minha arte pudesse inspirar a juventude intelectual da Rússia, porque em nenhum outro país os estudantes se preocupam tanto com a Arte e com o Ideal.

Luiz F. Laranjeira.

Cobrança

Após a saída dêste jornal são enviados para o correio os recibos correspondentes aos primeiros 5 números a tôdas as pessoas que não devolveram o primeiro, pelo que são consideradas assinantes.

Contamos com a boa vontade e lealdade de todos.